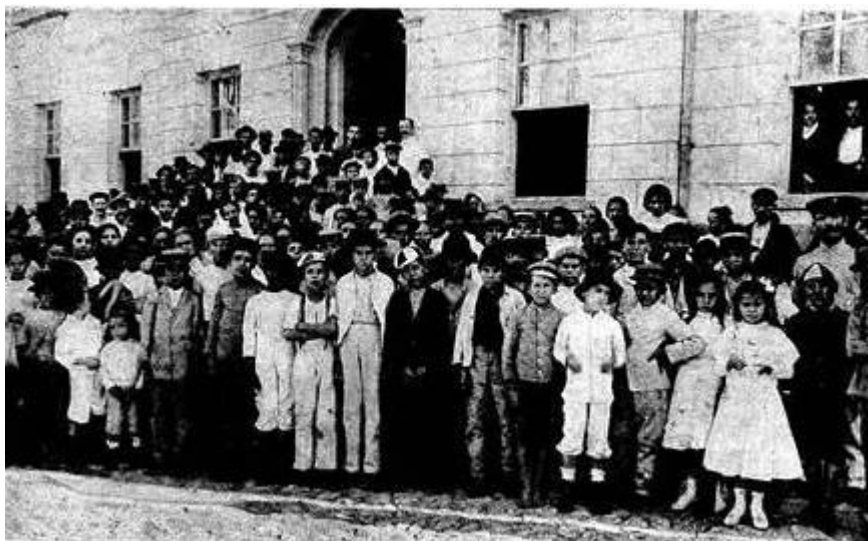
Boletim Operário 183

Caxias do Sul, 27 de julho de 2012.

Ano IV
27/07/2012
Sexta-feira
CEPS – AIT

Crianças Operárias da Fábrica Confiança Rio de Janeiro 1910

A República
Edição 287
Curitiba, 12 de dezembro de 1890.
Página 2
A Greve
A República 1506
Edição 287
Curitiba, 12 de dezembro de 1890.
Página 2
A Greve

O que passou-se ontem (1º) em toda esta capital ninguém o compreendeu, porque, como nós, ninguém, descobriu a verdadeira origem do estado anormal em que pouco e pouco se foi transformando a cidade, em que pouco e pouco se foram alterando os hábitos da população, superexitada sem que ela mesma pudesse dizer que força estranha a impelia ao receio e ao susto.

Dir-se-ia que mão oculta atuava pesada e irresistível no animo e no espírito dos nossos concidadãos, de ordinário afeitos a tranqüilidade e a calma, ainda nos momentos mais difíceis.

O pretexto a principio invocado para todo o estado de incerteza, para todo o sobressalto público de que tomou-se a Capital Federal, foi a greve anunciada logo pela manhã entre os carroceiros e cocheiros de veículos públicos.

Com efeito, o Senhor Doutor Chefe de Polícia interino foi prevenido na noite de anteontem de que esses bons trabalhadores de todos os dias não se entregariam ontem ao serviço profissional, porque não queriam sujeitar-se as penas severas que a Intendência havia lhes cominado para o caso de possíveis desastres.

Esse boato, espalhado com a maior perfídia e com a maior ausência de patriotismo entre os incautos e desprevenidos cocheiros, levou-os com efeito a suspensão do trabalho o que criou desde logo dificuldades a todas as classes sociais e ao comércio principalmente.

Mas o boato não passava de um estratagema indigno, criado nas trevas por inimigos da pátria, que nem mesmo mediram as conseqüências da ignomínia, iludindo aos cocheiros e exacerbando o espírito público, já tomado de prevenção pelo atentado condenável dois dias antes perpetrado com um órgão de imprensa.

Sem que tivessem lido, sem que tivessem examinado os seus interesses e os seus direitos, convencidos de que ia pesar sobre suas pessoas um rigor máximo, que nunca poderia se coadunar com o regime da justiça inaugurado pelo domínio da república, os cocheiros, as vitimas dessa fantasiosa invenção tornaram-se alvo de todas as atenções e, sem o querer, a fonte do estado anormal a que se reduziu a cidade toda.

Nenhuma culpa lhe podemos increpar, porque, com justiça, não supomos mais do que as vitimas incautas daqueles que abusaram de sua boa fé.

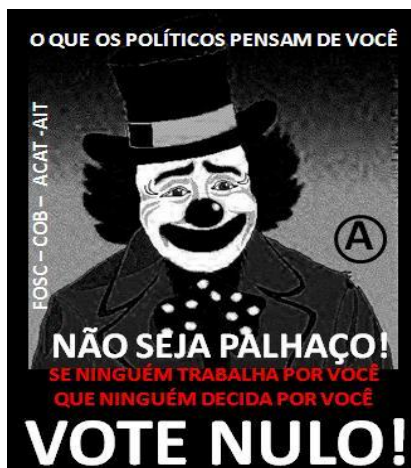
A suspensão do trabalho seguiram-se, como era natural, o atropelo nos serviços das ruas, a anciedade, as interrogações sôfregas, a interrupção de todo o giro comercial, os pequenos conflitos aqui e ali, os exageros dos espíritos despreocupados, que afinal foram a maior contribuição para quanto presenciamos ontem.

O Senhor Doutor Chefe de Polícia interviu desde logo com a sua autoridade, procurando acalmar os ânimos pela persuasão da verdade.

Os seus primeiros esforços, entretanto, foram baldados porque a greve manifestou-se, como já dissemos.

A polícia subordinada, a polícia das ruas, devemos dizê-lo, não secundou em alguns pontos os intuitos da autoridade superior e as vistas do governo, porque, longe de clamar a calma os cocheiros, tratou-se de modo pouco conveniente, usando dos sabres que lhes foi fado como instrumento de defesa.

BOLETIM OPERÁRIO
http://boletimoperario.yolasite.com

O fato é que o acontecimento da manhã, que devia dissipar-se passageiramente, foi engrossando mais e mais, criando receios e enchendo a cidade de verdadeiro pânico.
Não precisamos dizer que, em emergência tal, o nosso dever será cumprido com o maior escrúpulo e de acordo com a justiça e os direitos das classes que porventura se vejam oprimidas.
Ontem como hoje e a mesma a nossa posição de independência e lealdade perante a sociedade que nos prestigia e nos dá essa força necessária a sua própria defesa nos momentos de angústia e de provações.
Aconselhando aos cocheiros a calma e a reflexão, podemos garantir-lhes com a sinceridade de folha que sempre encontrou-se ao lado dos fracos que a intendência municipal não tomou nenhuma medida opressiva e rigorosa a seu respeito.
O próprio Código Penal, elaborado pelo Ministério da Justiça em outubro último, apenas estabeleceu de acordo com o antigo código criminal, as penas de 2 meses a 2 anos de prisão para os cocheiros criminosos por imperícia, ou por imprudência.
Não se trata, portanto, de nenhuma inovação, mas de uma pena antigo, que não poderia ser riscada do Código, sob cuja ação estão todos os que tiverem a infelicidade de cair em delito.
Do que dizemos nestas linhas, dá testemunho o edital que a intendência fez afixar ontem mesmo, prevenindo aos cocheiros de que nem ela, nem o governo cogitaram da deliberação que a maldade maquinou nas treves, pra chegar a fins inconfessáveis.

Vivemos num regime de ampla liberdade, e o governo da república, dando o exemplo de moderação e do critério, não permitiria medidas de violência aos direitos de uma classe operosa, que trabalha infatigável pelo progresso e engrandecimento comum.
Assim, voltem os cocheiros ao trabalho, seguros de que foram iludidos em sua boa fé e certos de que esta imprensa, que nunca regateou a sua força e a sua palavra sincera, estará a seu lado para bater-se pelo respeito do quanto for justo e direito.
O governo cumpriria certamente o seu deve, e ante o que dissemos reiterará a policia das ruas a obrigação que está em convencer pela força da palavra persuasiva, mas não pela força do sabre que espanca, com desobediência às recomendações que lhe tem sido expedidas.
Quanto ao resultado dos diversos conflitos que se deram por motivo do que ali ficou relatado, não há muita coisa verdadeiramente importante que notar. Houve é verdade, cacetadas e espaldeiradas prodigamente distribuidas; mas os que foram alcançados por elas retiraram-se para suas casas, deixando a polícia de prontidão para mais. Os ferimentos havidos são quase todos leves, à exceção de alguma cabeça quebrada.
As ocorrências dadas podem ser assim resumidas:
Ao amanhecer, reuniram-se em frente aos escritórios das companhias de bonds quase todos os cocheiros desses veículos, que faziam parte de cada uma delas. Começaram por impedir que os seus companheiros, que se tinham resolvido a trabalhar pudessem fazer o seu serviço tão regularmente como era necessário, e procuraram obrigá-los a tomar parte na greve.
Da Companhia de S. Cristóvão não foram muitos os cocheiros que se recusassem a fazer o serviço. Conseguiu o respectivo gerente dissuadi-los do seu propósito, graças às boas razões que apresentou. Os que não atenderam a esses motivos retiraram-se, mas não houve alteração da ordem, o que, com pequena diferença, também sucedeu na Companhia Botafogo e na Vila Isabel.
A Companhia Carris Urbana, porém, sofreu bastante com a greve de ontem. Quase todos os cocheiros abandonaram o serviço. Dos poucos bonds que saíram à Rua muitos eram guiados pelos recebedores da companhia. Os vagons do transporte de mercadorias, e principalmente da condução do café, não trabalharam. Avalia-se por aí o grande prejuízo que ontem sofreu o comércio, além do mais que ainda lhe sucedeu.

Keep figthing

Informativo Semanal Anarcossindicalista – Weekly Anarcho-syndicalist Newsletter

Não houve carro de praça, tilbury, caminhão ou carroça que ontem saísse à Rua para o costumado serviço. Os poucos veículos que apareceram eram todos particulares. No Largo do Paço, nas Ruas Conde d'Eu, Primeiro de Março, S. Pedro, Visconde de Itaúna, Senador Euzébio e Largo de S. Joaquim, em algumas outras formaram-se desde pela manhã enormes grupos de curiosos e de cocheiros. Estes empregaram todos os esforços possíveis para que os seus companheiros que estavam trabalhando abandonassem o serviço, notadamente das companhias de bonds.
Na Rua Senador Euzébio houve diversos conflitos. Foram atacados alguns bonds da Companhia Vila Isabel aos quais acudiram patrulhas de cavalaria do regimento policial.
A polícia, porém, nem sempre cumpriu corretamente o seu dever, já o dissemos. Na Rua Senador Eusébio, esquina da travessa das Saudades, vimo-la espaldeirar barbaramente a um preso. Era, então, hora e meia da tarde.
O que se deu no largo do Depósito também foi muitíssimo sério. Os carroceiros empregados dos Senhores Silva Carvalho & Cia, apresentaram-se pela madrugada aos seus patrões e participaram-lhes que estavam dispostos a não trabalhar. Os carroceiros, então, deixaram-se ficar reunidos em frente a cocheiras de propriedade daqueles e dali por diante vaiaram quantos condutores de veículos particulares passaram.
Da 7ª e da 9ª estação policial acudiram algumas praças ao barulho que faziam os grevistas colocados no largo do Deposito. Antes não acudissem. Para distribuir pranchadas a torto e a direito, como o fizeram, a ponto de varejar o botequim nº 54 do referido largo, não havia, palavra de honra! Nenhuma necessidade da força do regimento policial.
O proprietário desse botequim sofreu não só prejuízo que lhe deram nos gêneros, como também algumas pranchadas que lhe deram nas costas. Porque os carroceiros se defendessem de algumas espaldeiradas que apanharam, travou-se nesse momento sério conflito. A ordem, porém, foi restabelecida pouco tempo depois.
O Senhor Doutor Lourenço Rangel, 4º Delegado, os Senhores Franklin Dutra, subdelegado do 1º Distrito de santa Rita, Gusmão, subdelegado do 2º Distrito desta freguesia e Lagden, subdelegado do 2º Distrito de Sant'Anna, compareceram pouco depois e fizeram quanto lhes foi possível para que os cocheiros voltassem ao trabalho.
Chegou mais tarde um força de cavalaria de policia que foi dividida em patrulhas e distribuídas pelas ruas próximas. Uma dessas patrulhas prendeu dois indivíduos que não atenderam as ordens da autoridade.
Na Praça da República um grupo de cocheiros fez voltar para a cidade a uns dois ou três carros que levavam cargas para a estrada de ferros. Por haver urgente necessidade de transportar alguns gêneros para o quartel do corpo de cavalaria do regimento policial e não aparecendo para esse fim, senão um carroceiro que receava ser agredido, pelos seus companheiros, foi este acompanhado durante o trajeto que teve de fazer por quatro praças de cavalaria. Durante todo o dia estiveram postadas praças de policia nos pontos onde havia grupos de cocheiros. As estações das companhias de bonds foram guardadas por soldados de cavalaria do regimento policial.
Como de ordinário sucede o que por isso mesmo não é de estranhar, esses e outros soldados de cavalaria não se coibiram de passar a disparada por diversos pontos da cidade onde havia grupos de inofensivas pessoas. Por felicidade, porém, não nos consta que alguém tenha sido atropelado pelos zelosos mantenedores da ordem.
(Continua)

A República Edição 288
Curitiba, 13 de dezembro de 1890.
Página 2
Noticiário
A Greve
Conclusão
Outros conflitos se deram alem dos que ai ficaram narrados. Às 7 horas da noite, um grupo de indivíduos que se intitulavam cocheiros atacou a estação de bons da Rua Riachuelo. Foram, porém, repelidos pelos respectivos empregados. Quando a polícia acudiu aos apitos de socorro, já o grupo se retirava sem ter conseguido o seu intento. Entre outros indivíduos e as praças travou-se então um grande conflito, que durou por algum tempo. Trocaram-se pranchadas e tiros de revólver. Muitos dos cocheiros refugiaram-se na estalagem da mesma rua n° 69. Nessa ocasião foram feridos:
Um soldado do 7º Batalhão de Infantaria, que estava a paisana e que declarou ser ordenança do coronel Rosa Junior, o qual recebeu diversos ferimentos de bala e outros de navalha nas pernas e mãos; E um cabo do regimento policial, que recebeu um extenso golpe de navalha, desde a região temporal esquerda até um dos lados do nariz. Este ferimento interessou gravemente a artéria. Ambos foram transportados para a polícia e ali medicados pelos Senhores Doutores Moraes Brito e Luiz Quadros. Depois seguiram para os hospitais dos respectivos corpos. As 9 horas a polícia prendeu na Rua do Lavradio, três indivíduos que se disseram cocheiros da empresa de mudanças Coimbra, e que estavam colocando paralelepípedos sobre os trilhos de bond da mesma rua em frente a Rua do Senado. Das 9.1/2 para as 10 chegou a polícia um aviso de que então se dava novo conflito na Rua do Riachuelo.
Para aí seguiu imediatamente o subdelegado Doutor Braz da Silveira, acompanhado da necessária força. Essa autoridade encontrou grande parte dos trilhos arrancados em frente a cocheira de carros da mesma rua nº 100. Informando-se do que sucedera, soube Doutor Braz que isso havia sido feito por indivíduos que se tinham refugiado na mesma cocheira, onde se conservavam armados. Doutor Braz mandou então buscar outra força à polícia, por ser pequena a que levara consigo e ali penetrou. Mas os tais indivíduos eram unicamente três e foram presos e conduzidos para o xadrez da polícia. Também estiveram presentes, ao efetuar-se essa prisão os Senhores General Bernardo Vasques e o Doutor Agostinho Vidal, Chefe de Polícia interino, que se dirigiram ao quartel general, onde conferenciaram com o Senhor General Floriano Peixoto. A força do exército, de prontidão, e a do regimento policial estavam sob as ordens do General Bernardo Vasques. Ao Senhor Doutor Chefe de Polícia interino apresentou-se a tarde o Senhor Conde de Herzberg, para participar-lhe que os Cocheiros da empresa funerária receavam sair a rua, e que, entretanto, a empresa estava comprometida a fazer diversos enterros, o que era absolutamente inadiável, o Senhor Doutor Agostinho Vidal providenciou de modo a que os carros da empresa funerária fossem acompanhados por praças de policia durante o trajeto para os diferentes cemitérios.
O gerente da companhia do gás, ao ser avisado de que se pretendia assaltar o respectivo gasômetro, dirigiu-se ao Senhor Doutor Chefe de Polícia interino e obteve dele uma força de infantaria para guardar aquele estabelecimento.
Na Rua do Catete, um grupo de indivíduos que aí se tinham postado desde muito cedo, procurava impedir a passagem dos diferentes veículos.
Outro grupo na Rua Senador Eusébio, impedia a passagem dos bondes da Rua do Mattoso. Ambos foram dispersados pela polícia. Na estação de S. Diogo não apareceu um único carroceiro para fazer o transporte de carne. Os açougueiros que aí se tinham reunido, cansados de esperar, resolveram retirar-se para suas casas.
E, por conseguinte muito provável que os açougues não sejam hoje fornecidos de semelhante gênero, a menos que os carroceiros se decidam a fazer o transporte da carne pela madrugada. Para garantir a ordem estão de prontidão em S. Diogo um força de cavalaria comandada pelo major João Ignácio, auxiliado pelo Capitão Osório e pelo Tenente Portaense, e uma força de Cavalaria do 9º Regimento, comandada por um alferes.
Os armazéns da estação de S. Diogo, onde se depositou a carne ficaram guardados durante a noite por uma força de cavalaria de policia da parte de fora, e uma de infantaria no interior.
O gerente da empresa de transporte de carne prometeu que a carne seria transportada para os açougues hoje, às 5 horas da manhã, e pediu ao Senhor Chefe de Polícia uma força para proteger os carroceiros que se encarregassem de semelhante serviço. O Senhor Doutor Lopes Trovão, que à noite se apresentou a Praça General Osório, conseguiu dos carroceiros aí reunidos que eles se dispersassem e aconselhou-os a voltarem ao serviço por não haver nenhum motivo para semelhante greve.
E, realmente, repetimos não se compreende a razão por que se deram os acontecimentos de ontem, uma vez que nenhuma deliberação do governo ou da intendência foram publicada que atentasse ou não contra a liberdade dos cocheiros de veículos. Os Diretores das Companhias de Bonds e de muitas das diversas empresas de transportes estiveram durante o dia em conferência com o Senhor Doutor Chefe de Polícia interino. Quase toda noite, a Companhia Carris Urbanos foi obrigada a recolher alguns dos carros que faziam o serviço das suas diversas linhas. E, aliás, ontem não houve linha de bonds que funcionasse regularmente. O Comércio da capital e especialmente da Rua do Ouvidor e do largo de S. Francisco de Paula, quase não funcionou ontem, tendo tido necessidade de mais uma vez fechar as suas portas.
Os Senhores Ministros da Marinha e da Guerra, cercados sempre de distintos oficiais do exército e armada, conservaram-se, aquele no arsenal e este no quartel-general até tarde da noite. O edital mandado afixar em todas as ruas pela Intendência Municipal e assinado pelo respectivo Presidente, “faz público”, para conhecimento dos interessados, que até a presente data nenhuma resolução foi adotada pelo mesmo conselho relativamente a condutores de veículos de qualquer espécie, em tráfego nesta cidade; e que o governo, a que consultara, declarou não ter havido sobre tal objeto medida ou providencia alguma.
O Doutor Agostinho Vidal por motivo desses conflitos expediu aos subdelegados a seguinte circular:
“Havendo motivos para recear-se perturbação da ordem pública por parte de condutores de carroças e cocheiros que se recusam a trabalhar recomendo-vos que envideis todo esforço possível e empregueis máxima vigilância e atividade a fim de que seja mantida inteiramente a ordem pública. Confiando plenamente no vosso reconhecido patriotismo e dedicação a causa pública, espero de vossa parte o mais eficaz auxilio para que sejam neutralizados quaisquer malévolos intuitos, evitando-se assim possíveis conseqüências desagradáveis.
Para manutenção da ordem pública os Ministros da Justiça, Marinha e Guerra tomaram todas as providências. Uma força de 75 praças do batalhão naval reforçou a guarda do arsenal, ao mando de um oficial. As rondas das ruas foram dobradas pela polícia de cavalaria e infantaria: as estações estiveram com reforço. O Corpo de Bombeiros foi posto de prontidão e o mesmo aconteceu aos batalhões de linha. Narrando fielmente os acontecimentos de ontem, fazemos por último um apelo às classes laboriosas desta capital, concitando-as ao trabalho, que deve recomeçar inspirado na calma de quem tem, sob todos os pontos de vista, a segurança de seus direitos e a garantia certa e eficaz de um governo justo e moderado e de uma imprensa que não mentirá aos seus créditos.
(D'O Paiz).